

AS EXIGÊNCIAS DO FUTURO

R. BOÏSSAU

(Revue Militaire d'Information)
Transcrito da Revista Militar, Portugal,
novembro de 1964

Depois do último conflito mundial, todos os exércitos se encontram em transformação. Visam a adaptar-se, simultaneamente, às necessidades da guerra atômica e da guerra em superfície... Estes tipos de guerra têm, em comum, um domínio — segundo o Capitão Liddel Hart — de saber fazer a guerra indireta.

Num estudo anterior (1), esforçamo-nos por definir os conceitos estratégicos e táticos que, de forma constante, inspiraram a arte dos príncipes e dos grandes capitães do Oriente e de pôr em evidência a preferência deles por um modo de guerra raramente utilizado no Ocidente e sobre o qual Liddel Hart se tornou um teorista moderno: a guerra indireta. Importa agora esclarecer em que medida os conceitos assim definidos, poderiam ser utilizados num futuro conflito e daí tirar as conseqüências.

O INIMIGO EVENTUAL

A história do Mundo é considerada como tendo partido do Oriente. Na origem foi a guerra, e desde a origem, os povos das estepes imprimiram-lhe um caráter particular, porque o Oriente é, antes de tudo, o país das estepes, dos espaços infinitos, onde a lei é imposta pela mobilidade, pela miséria que inspira o desprezo das vidas e dos bens, pela relatividade do tempo que suscita a paciência e dá o sabor das combinações.

Convém, em primeiro lugar, notar que o inimigo eventual não pode ser senão oriental. A Rússia moderna não é um Oriental propriamente dito, mas procede, em boa parte, do Oriente.

O substrato da população russa, antes do estabelecimento, no século IX, dos princípios normandos, era constituído por tribos diversas — Hunos, Turcos e outros — que substituíram no princípio da nossa era, os nômades de raça ariana.

(1) "A Arte Militar Oriental", A Defesa Nacional, n. 602, Jul-Agô 65, páginas 63-75.

Depois, de 1280 a 1485, foi a ocupação da Horda de Ouro, que teve o triplo resultado de arrancar, economicamente, a Rússia à Europa, de empreender a unificação da terra russa e de sobrepor ao cunho espiritual de Bizâncio, as frias concepções mongóis. A partir do século XVI, a Rússia abriu-se à Europa, mas a influência ocidental não fez mais que sobrepor-se aos precedentes, sem os eliminar.

Por outro lado, é incontestável que a Rússia se mantém o país das estepes, desde os Cárpatos ao Oceano Pacífico. Se nós calcularmos que a ameaça principal é constituída, a longo prazo, pela China, por uma coligação de países islâmicos ou por um bloco afro-asiático qualquer, não há qualquer dúvida: o inimigo eventual será decerto um Oriental.

Assim "a priori", êle será conduzido para a guerra indireta. Devemos, pois, adaptar-nos a esta idéia, a fim de "não fazer o que o inimigo quer, mas sim de poder fazer tudo o que êle faz", segundo uma fórmula de Jang-Kin. "O lobo afegão caça-se com um cão do afeganistão", diz um provérbio de Kipling.

Outras razões, entretanto, incitam a pensar que no futuro — e desde já — os conflitos serão todos de estilo indireto. Uma evocação rápida da estratégia geral moderna, segundo o exame das conseqüências da aparição do fato atômico e da generalização do fato subversivo no domínio da estratégia militar e da tática, conduzem a idéias que militam em favor desta concepção.

ESTRATÉGIA GERAL

Fatores novos

A estratégia geral tem por fim avaliar os riscos e as probabilidades de estabelecer a decisão política que comandará a ação do estratega. Ainda que, na nossa época, ela seja um recurso exclusivo da política, não será inútil considerar as tendências atuais. Dois fatos novos, que parecem irreversíveis, têm incidências profundas sobre a estratégia geral.

O primeiro é o aspecto ideológico ou racial dos conflitos. Não se insiste mais em questões de fronteira ou de limites, mas na defesa ou na propagação de uma ideologia ou ainda em nome duma antimonía de cor. Este aspecto — recente, na sua generalidade — confere aos conflitos um caráter de fanatismo ou de exacerbação que exclui toda a noção de respeito por bens ou por vidas. A mentalidade do sedentário tende, neste plano, a reatar a do nômade...

Bater-se-á em nome do comunismo, do pan-arabismo, do subdesenvolvimento ou do humanismo cristão, como se bateu pela universalidade do Yassa ou do Islão.

O segundo fato, que poderá ser considerado como um corolário do primeiro, é a opinião — mais ou menos comum — de que não haverá mais "guerra pagante". Os dois últimos conflitos mundiais deixaram

exangue a maioria dos protagonistas, vencedores e vencidos. Que subsistirá dum nôvo afrontamento guerreiro, no decurso do qual os adversários resistiriam mal ao receio de esgotar os seus "stocks" nucleares? Mesmo que a bomba atômica estivesse anatematizada, como sucedeu com os gases de combate, que restaria duma troca de golpes "clássicos", dados com o fanatismo que caracteriza os antagonistas?

A estratégia total

Por razões diferentes, mas evidentes, êstes dois dados acentuam o caráter total da estratégia geral. A guerra tornou-se total. Também a estratégia geral combina ações políticas, psicológicas, diplomáticas, econômicas, sociais e militares, sendo as últimas em desfavor das menos "pagantes". Ora, o que é a estratégia total senão uma estratégia indireta? Ela pretende obter a decisão fora dos campos de batalha. Responde ao ideal de Sun-Tsé: vencer sem derramar sangue. Estratégia longa e paciente: para nós, como para os Orientais, o tempo deve tornar-se absolutamente relativo. Vale mais vencer a longo prazo e com pouco desgaste, do que rapidamente e sem poder recompor-se.

A estratégia global da U.R.S.S.

O que é a estratégia "global" da U.R.S.S., senão uma estratégia indireta, à escala mundial, posta em ação desde os tempos de paz? A paz é a continuação da luta, por outros meios (Chapochnikov). Estudando as direções de esforço, uma constatação se impõe: o esforço principal aplica-se sobre o elo mais importante do encadeamento capitalista, Grécia-Turquia, na junção da O.T.A.N. e do Pacto de Bagdad, e, graças ao pan-arabismo e aos movimentos de emancipação da África Negra, passa pelo Oriente Médio e pela África, em direção à América do Sul. No Extremo Oriente, o comparsa chinês desencadeia, periodicamente, ações de diversão... Uma série de ações preventivas tem sido desencadeada sobre a direção perigosa (Europa Ocidental). Eis, perfeitamente, o que correspondente a um dos procedimentos preferidos pelos Orientais.

Considerando os meios e o seu emprêgo, verifica-se que papel principal tem sido e continua a ser desempenhado pela ideologia comunista que, apoiando-se na potência do império soviético, com a ajuda direta dos partidos comunistas, oficiais e clandestinos, e concurso indireto de "correias de transmissão", se esforça por dismantelar o campo ocidental, utilizando, pelo melhor, as suas contradições internas e os "movimentos de libertação" de povos coloniais ou semicoloniais. Isto não exclui o emprêgo da força: "mas sendo a guerra o procedimento mais oneroso e o mais arriscado, o recurso à força só será empregado em "última instância", quando todos os outros meios tenham sido esgotados e isto unicamente sobre a direção principal de esforço... Abstraindo desta

eventualidade extrema, a simples ameaça da força deve bastar para reforçar, psicologicamente, todos os outros processos. Encontramos aqui os motivos de desagregação psicológica, de divisão e de terror.

Num tempo em que a guerra se tornou um meio muito oneroso de continuar a política, em que o adversário, declarado ou eventual, pratica, abertamente, uma estratégia indireta, parece claro que guardar-se unicamente contra a ameaça das forças adversas, equivale a expor-se aos golpes lançados por outros meios, e a deixar-se surpreender ou ultrapassar nos planos, político, diplomático, psicológico, econômico e social. Nós devemos, portanto, saber — nós também — praticar uma estratégia indireta e defender-nos e contra-atacar, até à decisão, sobre um ou vários destes planos.

ESTRATÉGIA MILITAR

Uma estratégia geral indireta não pode excluir a hipótese da guerra, localizada ou mesmo geral. Voltemos, pois, à arte propriamente militar e, em primeiro lugar, à estratégia militar. Considerando, sucessivamente, as três formas previsíveis de combate — a guerra nuclear, a guerra subversiva e contra-subversiva, a guerra convencional — verifica-se que a diversão do espaço de manobra nos três casos, torna inevitável um recurso ao estilo indireto. Por outro lado, nas três hipóteses, a importância nova dada à arma psicológica, acentua esta necessidade.

A GUERRA NUCLEAR

É muito possível que a guerra nuclear não chegue a ter lugar. A prudência das nações devia dissuadi-las de recorrer a ela. Mas o fato nuclear existe.

O engenho atômico será o engenho estratégico supremo ou atuar-se-á somente pela forma mais moderna do fogo tático? — No primeiro caso, nós teremos uma guerra nuclear generalizada, no segundo uma guerra nuclear limitada, esta podendo conduzir àquela pelo problema da “espiralização”. Na primeira hipótese, admite-se geralmente que a fase decisiva principiará por uma troca. Uma troca apocalíptica.

Que restará disso? É difícil de prever, mas é certo que as forças armadas e as infra-estruturas estarão numa grande desordem. A última palavra pertencerá às forças restantes, possantes e móveis, e às forças morais. Por forças restantes, possantes e móveis, é preciso entender-se os elementos blindados ou aeroterrestres ainda em estado de combater.

É evidente que, para estes elementos, o espaço de manobra terá de ser gigantesco, englobando imensas extensões devastadas, mais ou menos contaminadas, e “ilhas” de resistência, neutralizadas ou indenes. É inútil analisar mais além, esta perspectiva: o mundo sedentário voltará à estepe; a estratégia a aplicar será a da estepe.

Ao caos material sobrepor-se-á o caos psicológico. O terror terá invadido os dois campos. Convirá, depois, empenhar as próprias forças

na empresa do terror e prolongar a ação dêste último até ao seio do adversário ou de lhe substituir a da surpresa, de forma a retomar e a conservar o ascendente moral, a prolongar a desagregação psicológica do inimigo até que lhe seja atestado o golpe final. Assim, em guerra nuclear generalizada, a estratégia indireta será de aplicar depois do grande revés. Tratando-se da guerra nuclear limitada, chega-se à mesma conclusão.

O fogo atômico paralisará a manobra ou, pelo contrário, dar-lhe-á possibilidades novas? Noutros termos: postulará a guerra estabilizada ou a guerra de movimento? As opiniões dividem-se. Alguns inclinam-se para a primeira hipótese, para a do fogo que detém e militam por uma batalha estabilizada. Outros, em conformidade com a doutrina soviética, supõem que é preciso adotar a segunda hipótese, a do fogo que conquista. Parece, entretanto, que não está nisso propriamente a questão. Para o assaltante, o engenho atômico representa uma arma ofensiva extremamente potente, permitindo fazer o vácuo sobre superfícies extensas do dispositivo adversário. Mas é também uma arma defensiva, temível, permitindo, em contra-preparação quase instantânea, atacar os dispositivos ofensivos inimigos ou os preparativos de transposição de obstáculos, e atomizar as forças assaltantes que tenham conseguido penetrar no dispositivo amigo. Nestas condições, não pode afirmar-se que, por causa do fato nuclear, a estratégia tenha de ser necessariamente ofensiva ou defensiva. Ressalta, simplesmente, que a aparição do engenho atômico provocará um aumento notável da potência de fogo e, conjugada com o aperfeiçoamento dos vectores, uma quase ubiquidade dêste último. Isto afetará profundamente a tática — arte de emprêgo das armas. Ora a tática não vale senão conforme a do adversário: isto bem se viu na Indochina ou na Argélia, onde aviões e carros de combate estavam em inferioridade perante os guerrilheiros, enquanto que, êsses aviões e êsses mesmos carros, tinham permitido a vitória dos alemães na Polónia e em França. Uma escolha de táticas impõe-se, pois que é da atividade da estratégia. É a estratégia, e não a tática, e ainda menos uma determinada arma, ainda que seja a arma nuclear, que decidirá a conduta da guerra: ofensiva ou defensiva, insidiosa ou violenta, direta ou indireta?

A estratégia deverá definir o domínio no qual o sucesso tático deverá ser procurado, ou onde será preciso ser ofensivo e onde será necessário ser defensivo..

Na era nuclear, quais serão os critérios sobre os quais se baseará? Êstes critérios são em número de dois, que se imporão aos dois adversários: a sobrevivência e o cumprimento da missão.

Sobrevivência

À sobrevivência procura-se pela dispersão, pela mobilidade, pela dissimulação, admitindo-se que o procedimento do contato estreito ou da imbricação dos dispositivos, é de ordem puramente tática.

Dispersão e mobilidade. Se se admite que está, êle também, submetido à ameaça atômica, concebe-se que o campo de batalha toma dimensões consideráveis em largura e em profundidade e fornece tôdas as possibilidades à aproximação indireta sob diversas formas que temos visto ser praticadas pelos Orientais: dispersão amiga — dispersão inimiga — concentração amiga, alteração do dispositivo inimigo por mudança de frente ou diversão, ameaça sôbre as retaguardas, retirada estratégica e contra-ataque, guerrilha: só o método da “guarnição-isca” se mostra inoportuno.

Ora, se o espaço de manobra a tornar possível, a aproximação indireta é nitidamente preferível à aproximação direta, “porque o fato de avançar diretamente sôbre um adversário, fortalece o equilíbrio físico e psicológico dêste e, por esta consolidação, aumenta o seu poder de resistência” (Liddel Hart).

A dissimulação abrange a camuflagem e o segredo. Visa a criar surpresa, a enganar o inimigo. É um outro elemento importante da estratégia oriental e indireta. Assim, os processos aos quais os dois adversários deverão recorrer para assegurar a sobrevivência das suas forças, imporão à estratégia da era nuclear, a escolha do estilo indireto e as combinações de ações. Os velhos princípios continuam válidos: realizar a economia das forças, permitindo a concentração dos efeitos das ações combinadas, dispersando as ações inimigas e conservar a sua liberdade de ação, restringindo a do adversário: iludir, surpreender e agir de forma que cada ação vise vários objetivos, ser o mais forte onde o inimigo é o mais fraco e explorar a fundo. Nenhum eixo de esforço imperativo nem fixo; aplicar as reservas onde o inimigo cede. Qualquer outra atitude não faria senão conduzir à destruição ou à usura, porque o inimigo concentraria os seus fogos e precipitaria as suas reservas sôbre o eixo de esforço desde que êste se apresentasse fixo: isto tenderia muito rapidamente à manobra do forte contra o forte.

Missão

A sobrevivência não poderá ser, em si, só um fim. O imperativo de viver deve ser associado ao da missão. A missão dada às forças armadas é fixada pela estratégia geral. Ora, nós sabemos que esta dispõe dum vasto teclado, do qual o contato não constitui senão uma das teclas. Optará, ela, pela guerra ofensiva? Será correr os maiores riscos, se o moral do inimigo está intato e se o adversário dispõe de importantes reservas humanas e materiais, dispersas sôbre um vasto território de estruturas sólidas. Optará, ela, pela defensiva pura, estática, para a batalha de suspensão? É um procedimento frágil, à mercê duma fraqueza duma porção mínima do dispositivo. Parece, pois, que será preciso escolher uma estratégia militar “defensiva-ofensiva”, combinando judiciosamente a economia das forças e a ação preventiva, assentando sôbre uma grande mobilidade e tendo o poder de uma resposta rápida

e decisiva. O critério "missão" reporta-se, pois, ao estilo indireto, ao qual tinha já conduzido o critério "sobrevivência". Sobrevivência e missão, são condicionadas pelo espaço de manobra que o fato atômico cria e que nós temos apreciado à base das concepções estratégicas orientais.

GUERRA SUBVERSIVA E CONTRA-SUBVERSIVA

O fato subversivo requer igualmente, espaço de manobra. Consideremo-lo, pois, na fase insurrecional, a única a falar, propriamente, dentro da competência da estratégia militar. Trata-se, então, do terrorismo generalizado, da guerrilha, da insurreição geral. O conjunto do território afetado vai nivelar-se em muitos pontos, subversivos e contra subversivos. Para os primeiros, o objetivo é dispersar as forças da ordem, para atacar com uma infinidade de "alfinetadas", para, em definitivo, excluir a relação geral das forças. Para os segundos, é preciso dispor duma quadrícula e de elementos de reserva, para isolar os destacamentos adversos e destruí-los, em pormenor.

Nos dois casos, encontramos-nos perante a plena estratégia indireta. Os processos diretos estão excluídos pela natureza do conflito, que se caracteriza não somente por um espaço não saturado, mas ainda pela relatividade do tempo, pelo desprezo dos bens e das pessoas e a agilidade tática. São as características que se encontram no quadro das guerras orientais. Importa assinalar que a conduta de uma guerra subversiva ou contra-subversiva, não pode unicamente relacionar-se com a estratégia militar. Na época em que a subversão tem sido remodelada pelos peritos marxistas-leninistas da guerra revolucionária, ela não pode ser senão um recurso da estratégia geral e esta não pode ser senão total, portanto indireta: a decisão será obtida, a maior parte das vezes, sobre um outro plano que não apenas pelo militar.

GUERRA CONVENCIONAL

Resta considerar a eventualidade duma guerra do tipo convencional. Esta desenvolver-se-á sob o signo da duração e serão postas em presença massas humanas consideráveis. Bastarão estas duas características para fazer prevalecer uma estratégia indireta.

Depois da lição da guerra de 1914 a 1918, no decorrer da qual se tinha perdido a compreensão da aproximação indireta, a ponto de se chegar a "uma luta de elefantes que se comprimem, num túnel, para a morte", os alemães adotaram, em 1940, uma brihante fórmula de estratégia indireta, conhecida pelo nome de "Blitz-Krieg": distrair o inimigo sobre a Linha Siegfried, torneá-lo e surpreendê-lo irrompendo através dos países neutros, destroçar as suas forças e explorar sem demora, tôdas as possibilidades táticas e fazer-se infiltrar, enfim, por uma chamada "quinta coluna"... com o intuito de visar o desmembramento físico e material e a desagregação psicológica.

Entretanto, subsistente o fato nuclear, é preciso admitir que todo o conflito convencional, de qualquer envergadura, se desenrolará sob a ameaça atômica.

Se os protagonistas não dispuserem, pròpriamente, da arma atômica, eles terão a possibilidade, em caso de crise, de a pedir emprestada a um "protetor" que a possua (quando de Dien-Bien-Fu, a França teria estado bem perto de obter algumas bombas A). Por outro lado, as divergências ideológicas estando de futuro, tanto na origem das guerras como as divergências de interesses, um tal conflito se desenvolverá, igualmente, sob a ameaça da subversão. Assim desenvolvida debaixo duma dupla ameaça, atômica e subversiva, uma guerra convencional terá por cenário, um espaço alargado, onde as noções de dispersão, de mobilidade e dissimulação, recobram todo o seu valor. Reportamo-nos aos dois casos precedentemente analisados. Além disso, dotadas de meios que lhes permitam utilizar a terceira, as forças armadas modernas terão acrescidas possibilidades de praticar a aproximação indireta.

A arma psicológica

Com a reaparição do espaço de manobra, um outro fato influenciará as guerras do futuro: é o renascimento da arma psicológica. Nunca completamente abandonada, ela tem sido, muitas vèzes, arma secundária no arsenal dos homens de guerra.

O progresso das ciências humanas, rejuvenesceu-a. Tornada realidade concreta, técnica elaborada, ela não será mais esquecida pelo estratega.

O seu papel mantém-se proeminente na guerra subversiva, onde o primeiro passo para a tomada do poder, é o contròle das populações. A noção de contròle decompõe-se nas de organização e de adesão: subversão e contra-subversão disputam-se na adesão das multidões, quer dizer, afrontam-se num domínio de ordem psicológica. Na guerra atômica, aprecia-se que pêso terão as forças morais, o seu apoio entre os amigos, o seu desmembramento entre os inimigos; aprecia-se a amplitude do terror que poderá ser suscitado e as consequências da surpresa estratégica. Na própria guerra convencional, com o desenvolvimento dos meios de difusão do pensamento — imprensa, rádio, etc. — as idéias transmitir-se-ão com uma facilidade nunca igualada e constituirão uma arma eficaz contra o moral do adversário. Ciência de recursos intelectuais e afetivos, "a dialética de Círo" que outra não é senão a nossa arma psicológica, retomou tôda a sua força, para dividir, reunir, enganar, surpreender, com o fim de persuadir ou dissuadir os indivíduos e as multidões, os chefes e as tropas, os amigos e os inimigos. É um elemento indireto, cuja admissão entre os meios da estratégia, tornará esta mais conforme com a estratégia oriental e mais inclinada para o estilo indireto.

CONSEQUÊNCIAS

As conseqüências implicadas pela adoção duma estratégia indireta, são extremamente importantes:

- Num conflito nuclear, ou sob ameaça nuclear, a França não se defenderá sobre a cortina de ferro, nem sobre o Reno, nem sobre uma qualquer posição estratégica destinada a salvaguardar a integridade duma porção de território: o espaço de manobra estender-se-á a todo o teatro europeu e, provavelmente, bem mais além.
- As forças morais e, principalmente, as que garantem a coesão nacional, serão primordiais. Será preferível combater com granadas, mas com uma vontade feroz de lutar, do que combater com projéteis atômicos, mas sem fé.
- A estratégia militar deverá adaptar o seu fim aos seus meios. A ambição do primeiro dependerá da importância dos segundos, “porque o princípio da ciência militar, é o sentido do possível”.
- As forças armadas deverão reencontrar, nos planos que lhes dizem respeito, a fórmula das ações ou das combinações de ações, para diversos fins, a das direções inesperadas, de preferência à das direções naturais, a dos dispositivos maleáveis e adaptáveis às circunstâncias.
- A massa principal não deverá ser empenhada num ataque contra um adversário sobre as suas guardas. O ataque não poderá ser lançado senão quando as possibilidades inimigas de resistência ou de esquivo, estejam paralisadas pela desorganização material ou pela desmoralização.
- Todo o sucesso tático deverá ser explorado a fundo, com a condição de se dirigir a um fim útil, ao objetivo final.
- Sobre o plano da organização, a mobilidade estratégica será imperativa: será precisa uma logística maleável, inspirada na dos russos, em 1942-1945, ou na dos ingleses na Tripolitânia.

TÁTICA

O que caracteriza a época atual é, essencialmente, a aceleração da evolução das técnicas. Os técnicos têm uma influência profunda sobre a tática: a aparição do canhão, da metralhadora e do carro de combate, tem modificado consideravelmente as formas táticas da guerra. Os fatos nucleares e subversivos conduzirão a tática moderna a plagiar dos Orientais, os processos do tipo “bate e foge” e o recurso à astúcia, isto é, a tornar-se uma tática indireta ou uma combinação dos estilos direto e indireto.

GUERRA NUCLEAR

Em tática como em estratégia, nucleares, a sobrevivência é um imperativo. Ela será procurada por meio da dispersão, da mobilidade, da dissimulação, pelo contato estreito até à sobreposição dos dispositivos amigo e inimigo e pela organização do terreno. Assim condicionará a execução da missão.

A maior parte das vezes, a execução da missão exigirá uma concentração, seja para atacar seja para conter o ataque, quer dizer, a constituição dum objetivo nuclear. Mesmo se se recorrer à infiltração na ofensiva ou ao dispositivo defensivo alargado, a decisão não poderá ser obtida senão confrontando o encontro do forte com o fraco, do concentrado com o disperso.

É preciso, pois, em primeiro lugar, interdizer ao inimigo a localização prematura desta concentração. É o papel da dissimulação, com os seus processos: segredo, camuflagem, decepção, que encontram a sua aplicação tanto na ofensiva como na defensiva. Em superfície, junta-se à noção de dissimulação a da segurança: é preciso interpor entre si e o inimigo, um dispositivo de segurança sucetível de enganar o inimigo durante todo o tempo necessário, sem se deixar fixar e sem constituir, êle próprio, um objetivo nuclear: êste dispositivo será pois votado à ida e à volta dos esbirros persas ou mongóis; ida para definir a linha de contato com o adversário; volta para escapar à destruição clássica ou atômica.

O combate procurando a decisão local, será também modificável e móbil. A concentração — ela própria à base de movimento, realizada a partir da dispersão — desde que seja revelada ao inimigo, ou quando o seja, deverá procurar a sua sobrevivência na sobreposição, portanto no movimento para a frente. Depois, se o choque não conduz à decisão, será necessário, feito o apêlo ao fogo, recorrer ao movimento à retaguarda para criar o vácuo atomizável. O fato do defensor se abrigar em subterrâneos o tornar menos vulnerável do que o assaltante ou que o fogo se tornou todo poderoso, não é um argumento que justifique a estabilização tática. O objetivo do combate é a decisão; esta pode ser preparada, mas não adquirida, por uma guerra de posições. O caso extremo é o da “posição-isca”, que temos citado e da qual é preciso pensar que ela não é concebível senão com a condição de possuir um poder técnico de destruição superior ao do adversário. Para as concentrações, como para os destacamentos de segurança, a manobra em ambiente atômico será uma perpétua ida e volta. Será uma ressurreição do que nós temos chamado, entre os Orientais, o “bate e foge”. Tratar-se-á de combinar, na ofensiva, a segurança pelo contato e a esquivia, permitindo atomizar as concentrações adversas localizadas e, na defensiva, a atração do inimigo para os vácuos atomizáveis e o esvaecimento no caso em que o contato não possa ser restabelecido... Combinações cujo fim é de desequilibrar o adversário, levando-o a concentrar-se a contratempo.

Mas este desequilíbrio será difícil de obter. À nossa inteligência opor-se-á a do inimigo. Cada um dos dois adversários procurará colocar-se no lugar do outro e se eles forem de valor igual, criar-se-á uma espécie de equilíbrio. Os partidários da investigação operacional pretendem demonstrar que, neste caso, existe uma tática ótima permitindo a exploração do equilíbrio, a que eles chamam “acaso calculado” ou “cálculo das probabilidades”. É permitido pensar que será mais oportuno e eficiente confiar na sorte de uma batalha de astúcia, sobre a qual Sun-Tsé diz que ela tem por fim conduzir o adversário a cometer uma falta. Liddel Hart escreve a este respeito: “A instrução militar forma chefes cuidadosos para não cometer erros — segundo o regulamento — não esquecendo a necessidades de induzir o inimigo a cometê-los. Porque na guerra é, a maior parte das vezes, constringendo o inimigo a cometer faltas, que se faz pender a balança”. Na guerra atômica será necessário substituir o culto da ortodoxia pelo da astúcia. É preciso ser “velhaco, dissimulado, enganador, larápio, ladrão; numa palavra: “mais esperto que o inimigo, em todas as coisas”. O objetivo será duplo: dum lado conduzir o chefe a cair no erro fatal; por outro lado, romper o equilíbrio mental da tropa. Se este último ponto for realizado, a explosão atômica poderá mesmo, em certos casos, ser economizada.

GUERRA SUBVERSIVA E CONTRA-SUBVERSIVA

Uma tal concepção da tática atômica, nos parece bem longe das concepções que animaram a cavalaria. Que dizer, então, da tática subversiva e contra-subversiva? Ela não está no domínio da especulação: os oficiais franceses todos o têm provado. Consideramo-la limitada ao seu contorno militar. É oportuno que ela faz apêlo, ela também, à técnica do “bate e foge”. A guerrilha é completamente concebida segundo esta técnica: ataques aos postos e aos comboios, emboscadas, desenvolvimento duma operação de cerco...

A experiência tem demonstrado que a melhor forma de combater a guerrilha é a de copiar os seus próprios processos, estando o problema em habituar a estes últimos os soldados instruídos no estilo direto. Quem não tem podido julgar da eficácia das “equipes especiais”, dos “comandos negros”, dos “comandos de caça”? É aqui que se vê quanto estão ligadas esta técnica e a astúcia de guerra. Na realidade, por sua natureza, a primeira procede já da segunda. A astúcia domina toda a guerrilha.

Se nós revermos os ardis de guerra empregados pelos orientais, nós constatamos que eles são sempre de atualidade, quer se trate de zombar de um espião ou de apanhar numa ratoeira um daí-doï ou uma katiba.

Isto explica a importância atribuída aos oficiais de informações: importância que será desde já justificada pela própria importância da informação mas que é decuplicada na ação, pelo conhecimento mais ou menos consciente que eles têm do comportamento possível do adver-

sário. Daí a sua eficácia na elaboração das astúcias ou das armadilhas, na prática duma política de divisão ou de reunião. Pode objetar-se que as últimas fases duma subversão, comportam a constituição de forças armadas regulares e a insurreição geral e que não é mais, então, questão de guerra indireta, de ida e volta, de astúcias.

Ê ver! Os técnicos de guerrilha que se transformam em comandantes de grande unidade, estão necessariamente impregnados do estilo indireto. Quanto às forças da ordem, é ainda pela armadilha que elas podem esperar a decisão: Dien-Bien-Fu era uma ratoeira estendida às divisões V.M. e se isto se voltou contra nós, não foi tanto por causa da sua natureza como pelos erros de que estava eivada a sua concepção. E quanto à insurreição geral, qual é a melhor parada senão provocar o seu desenvolvimento a contratempo ou deixá-la desenvolver no vácuo, para melhor a esmiagar?

GUERRA CONVENCIONAL

Encarando a hipótese da guerra convencional, é mais fácil afirmar que a tática será obrigatoriamente indireta. O que é certo é que o estilo indireto se imporá ao mais fraco, como isto tem sido sempre de regra: a astúcia — ou a inteligência — tem sido sempre a arma do fraco; tanto se pode dizer da técnica do “bate e foge”. Por outro lado, mas se o projétil atômico não entra em linha de conta, a potência dos fogos clássicos deveria conduzir à adoção de processos indiretos, para não se chegar às batalhas de usura, que são a negação da arte militar.

Enfim, os exércitos modernos voltaram ao “cavaleiro armado” dos Mongóis, dos Bizantinos e dos Turcos: o carro de grande potência, em superfície, e o avião lançador de engenhos, na terceira dimensão, não são versões atuais? Ou ainda o transporte de tropa blindado e o helicóptero. Nós dispomos de instrumentos excelentes para praticar o “bate e foge” dos Orientais.

CONSEQUÊNCIAS

Quais serão as consequências resultantes da aplicação duma tática indireta? Sobre o plano tático, os velhos princípios da economia das forças, de concentração dos efeitos e da liberdade de ação, mantêm-se válidos. A sua aplicação poderia enunciar-se sob a forma de três axiomas:

- Enganar, surpreender e agir, de forma que cada ação ponha um dilema ao inimigo.
- Ser o mais forte, além, onde o inimigo é mais fraco e explorar, a fundo, o que pode traduzir tática nuclear por: agir pelo fogo nuclear na direção onde o inimigo está concentrado e pelo movimento onde ela está diluído.
- Estar sempre em segurança.

Sobre o plano técnico, as condições a realizar são os corolários da mobilidade tática, necessária à prática do "bate e foge" que admite ir depressa e bater longe:

- Mecanização e motorização que permitam as concentrações e as dispersões, alternadas, os avanços e as esquivas, a utilização de terrenos pouco vulneráveis à observação e aos projéteis nucleares e a proteção contra a radioatividade.
- Uma infantaria endurecida, rústica, astuciosa, sabendo manobrar em veículos, tanto quanto isto é possível, mas também a pé, para realizar o efeito de surpresa e de abordagem, tendo um moral de ferro para afrontar, vitoriosamente, o medo e o sofrimento, tão confiante no movimento para a retaguarda como no movimento para a frente.
- Um sistema de unidades de todas as armas, autônomas e polivalentes, graças à sua capacidade de fogo, de velocidade e de proteção, exigência dos dispositivos arejados.
- Uma logística aligeirada, cujas cargas incompressíveis serão tomadas em conta para um serviço das retaguardas, do tipo russo ou do tipo inglês.

CONCLUSÃO

Praticada pelos maiores conquistadores do Mundo, por Ciro e por Alexandre, por Átila, Gengis Khan e Tamerlão, por Cartago e pela China, por Bizâncio e pelo Islão, a guerra indireta é-no ensinada pelo Oriente.

No momento em que o Oriente e o Ocidente se defrontam, quando o fato nuclear e o fato subversivo, alargam ao infinito, o espaço de manobra e enquanto que a arma psicológica torna a dar a primazia aos recursos do espírito, o conhecimento e a prática dos processos indiretos aparecem-nos como uma exigência dos conflitos futuros, tanto no domínio estratégico como no domínio tático.

O ensino militar francês deveria ter isso em conta. Consiste, essencialmente, em inculcar uma "técnica tática" supondo sempre que as tropas estão em contato, numa situação definida do espaço-tempo e tratar de maneira muito discreta, dois problemas fundamentais: o do desmembramento do adversário antes do defrontamento (não bater o inimigo antes de ter criado a oportunidade) e o de exploração depois do defrontamento (tornar o efeito decisivo, aproveitando uma segunda ocasião antes que o inimigo se tenha refeito).

Sobre um plano mais geral, é permitido procurar se será possível aos Ocidentais adaptar-se ao tipo de guerra oriental, de passar do estilo direto, que lhes é natural, ao indireto. É isso uma questão vital. A resposta a dar-lhe é simples; reportamo-nos a uma conferência pronunciada em 1961, pelo General Dulac, perante a Escola Superior de Guerra.

"Para ganhar é preciso querer e ser inteligente."